

Freud, o escritor de cartas: da comunicação virtual à virtualidade da comunicação¹

Ignácio A. Paim Filho²

“Ninguém escreve para alcançar fama, que de qualquer modo é algo muito transitório, ou a ilusão de imortalidade. Sem dúvida alguma escrevemos, em primeiro lugar, para satisfazer algo dentro de nós, não para outras pessoas. Naturalmente, quando outros reconhecem nossos esforços, isso aumenta nossa satisfação interior, mas ainda assim escrevemos, em primeiro lugar, para nós mesmos, seguindo um impulso interno.”
(Freud a Marie Bonaparte, 1925 apud Jones, 1989, p. 393).

Como sabemos, escrever faz parte da história de Sigmund Freud. Escrever remete ao seu compromisso de construir sua ciência. Porém, antes de tal pretensão, já encontramos, na pré-história do investigador da alma humana, um jovem ávido por compartilhar suas inquietudes. O que fará por meio de um modo de comunicação que o acompanhará por toda a existência: escrever cartas. Nesse sentido, Freud, o escritor de cartas, pode ser considerado o germe primário do Freud criador e escritor da psicanálise.

Sendo assim é do escritor de cartas, com uma vultosa coleção de missivas³, que pretendo me ocupar na presente comunicação, que tem a pretensão de ser

1 Este ensaio teve suas origens em texto publicado no *Jornal da SBPdePA*, em 2014.

2 Psicanalista, membro pleno do CEPdePA, membro titular da SBPdePA. Fone: (51)33213825. E-mail: paimiga@terra.com.br

3 Segundo Rodrigué (1995, p. 29), Freud escreveu em torno de 20.000 cartas. Acredita-se que metade se perdeu, 4.200 foram publicadas e 3.650 *se conservam no limbo inquieto das coisas censuradas*.

um “ensaio”, no sentido específico do termo, um livre pensar, que excite o leitor a fazer suas próprias considerações – transitando pelo virtual da palavra impressa, que pulsa buscando um destinatário. Parto do seguinte interrogante: qual a relação possível entre essa forma de comunicação virtual⁴, predominante no século XIX e em boa parte de século XX, e a virtualidade da comunicação – via Internet –, que inicia sua hegemonia no final do século XX? Para tecer considerações sobre essa questão se faz necessário contextualizarmos, brevemente, que demandas estão implicadas na configuração do Ser contemporâneo e o meio cultural.

O homem como um Ser da fala sempre esteve ocupado em presentificar o outro em sua ausência. Esse processo vai ganhar maior envergadura com a criação da palavra escrita. A escrita expande a expectativa de poder evocar e convocar a interação entre os indivíduos, não somente na presença, mas sobretudo nas ausências. Com o surgimento do envio de cartas, de forma sistemática, no final do século XVIII, esse meio de comunicação ganhou maior relevância. Amplia-se a possibilidade – virtual – de se estabelecer um diálogo com alguém que se encontra distante. Essa narrativa tem por meta extrair de cada palavra o máximo de sua essência, cada frase está comprometida com a expectativa de aguçar a atenção do leitor. Cenário compatível com sua proposição: a saudade pode ser mitigada; os enamorados podem se acarinhar; negócios podem ser encaminhados; decisões podem ser compartilhadas; questões podem ser levantadas, ideias podem ser aventadas..., enfim o homem pode trazer para diante de si – “alucinação positiva” – esse outro que não está presente, mas que é objeto do seu desejo de (re)encontro. Alucinação estruturante – criação – que necessita, para sua efetivação, ser precedida da “alucinação negativa”. Essa que consiste em possibilitar a invenção de um espaço de ausência na presença.

Nessa forma de comunicação virtual temos o que podemos chamar uma via longa: um emissor – um caminho de trânsito – um receptor. Caminho esse

⁴ No presente texto estou trabalhando com o conceito de virtual aos moldes propostos pelo filósofo francês Pierre Lévy, como potencialidade: “[...] já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação ou natureza. É um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real, só lhe falta a existência” (LÉVY, 1996, p. 16). Destaca ainda que o virtual não é o contrário de real, mas sim de atual. Essa afirmação leva-me a associar com a ideia de percepção/consciência: somente o é no presente, portanto sempre atual.

que pode durar de dias a semanas: tempo e espaço mantêm entre si uma relação tridimensional. Existe um tempo de espera, tempo que permite ao emissor conjecturar, fantasiar, refletir, ponderar..., tempo de deixar as ideias circularem: o princípio do prazer confrontando-se com o princípio da realidade. A falta se faz presente e cria condições para a inscrição simbólica das renúncias do imediatismo do desejo narcísico: a castração fazendo história, com sua potencialidade de romper com os aprisionamentos alienantes. O silêncio que se dá entre a emissão da mensagem e o retorno desta tem um significado em potencial de alargar a capacidade de pensar e sentir; ambiente propício para o advir de metáforas: espaço de ausência instigando invenções. O disruptivo da pulsão de destruição acionando o trabalho de Eros. Há de se assinalar que nessa comunicação virtual, por cartas, estamos no terreno de uma intimidade em que o privado é levado em consideração. Toda carta é endereçada a alguém, torná-la pública, em tese, é uma decisão dos correspondentes⁵.

Entretanto, a virtualidade da comunicação, em tempo dos correios eletrônicos, traz em seu cerne um colapso do tempo e do espaço: relação bidimensional. Via curta: um emissor – um caminho de trânsito – um receptor. Contudo esse caminho está pressionado pela demanda de instantaneidade da resposta do receptor. Aqui pensamos e trabalhamos para uma comunicação em tempo real. A narrativa empobrece, a palavra se desloca do sentido símbolo, correndo o risco de perder a capacidade de evocar metáforas. Esperar é sentido como pura perda de tempo, que denuncia o nosso imediatismo e, de forma subliminar, nossa indignação e confirmação, quando da demora do retorno, do desamor do outro. Impera a necessidade de mantermo-nos conectados diuturnamente. Probabilidade de ficarmos tal qual narciso, diante da sua imagem refletida no espelho das águas, petrificados. Nesse contexto de intensidades catastróficas, o potencial criativo da

5 Questão que suscita certa polêmica, em especial no universo psicanalítico, em que nos deparamos com a invasão da intimidade de Freud e de seus correspondentes, como poder ser visto neste escrito. Essa invasão remete a uma patologia voyeurística dos psicanalistas, ansiando para adentrar o universo da cena primária do pai? Ou é uma busca de intimidade para melhor conhecer os meandros pelos quais foi criando sua ciência? A resposta provavelmente deverá ser construída por cada um de nós que ousar expiar e publicar o que nasceu na intimidade, sendo dedicado a um público privado.

pulsão de destruição é posto em suspenso, a força ligante de Eros trabalha para manter um silêncio mortífero. Silêncio de um ligado “absoluto”, onde o desligar é sentido como uma ameaça à existência⁶. Aqui temos a vigência de um Eros quieto, no lugar do *irrequieto Eros* (FREUD, 1923, p. 66). Nessa virtualidade da comunicação temos um cenário propício para uma hegemonia do público em relação ao privado. A intimidade talvez se torne uma questão secundária, subjugada pelos convites voyeurísticos e exibicionistas das redes sociais: os pactos narcísicos perpetuando-se nos mares sem fronteiras do enredo das redes.

Contudo essa forma de buscar a interlocução entre os indivíduos tem, por outro lado, suas vantagens; quando sua intensidade pode ser mediada por uma apropriada *solidariedade-excitatória-sexual* (PAIM FILHO et al., 2014) – adequada sintonia entre a força assimiladora de Eros e a força desassimiladora da pulsão de destruição –, promove com mais dinamismo o (re)encontro, a comunicação pode se dar por vários caminhos. A ausência, por exemplo, da presença material do corpo, com suas vias facilitadas para a descarga pulsional, com seu universo desejan- te – não acesso ao corpo do outro – propiciando o estímulo para percorrer trilhas colaterais que venham a revivificar a “*magia*” das palavras (FREUD, 1905, p. 276).

O Ser contemporâneo tem acesso interativo com o mundo de forma facilitada: Oriente e Ocidente portam-se, cada vez mais, como se o sol nunca se pusesse, como se fusos horários inexistissem. Muitas vezes, o anonimato propiciado pela “tela protetora” do computador, do celular, sem imagens, pode ser um elemento liberador, para que se dê uma comunicação com menor dose de censura. Temos seguramente um avanço com o advento da virtualidade da comunicação⁷. Todavia, o fator intensidade

6 No artigo “Silêncio uma escuta metapsicológica”, o autor trabalha o processo do silêncio diante da dualidade pulsional: morte *versus* vida (PAIM FILHO, 2016). Nesse sentido, destaca o caráter conservador de Eros, quando de uma fusão mais absoluta – personificação paradoxal da sua letalidade –, silenciando a vida psíquica, que tem sua vitalidade na harmonia da melodia pulsional: nem tão ligada que silencie o desejo; nem tão desligada que impeça a criação do desejo – “É da diferença entre o prazer obtido pela satisfação e o prazer esperado que surge o fator impelente [...]”, nas palavras do poeta: “indomado, sempre impele adiante” (FREUD, 1920, p. 165).

7 Remeto o leitor ao trabalho de Paim Filho et al. (2015), *Ela: história de uma travessia*. Nele os autores desenvolvem suas ideias a respeito do filme *Ela*. Centrado na história de apaixonamento de Theodore pela voz de um sistema operacional. Postulam que essa paixão virtual cumpriu a função de facilitar o processo de luto do personagem, resultando em sua travessia, da *sombra do objeto* (FREUD, 1915-1917, p. 108) para a busca de um novo objeto, permeada pela virtualidade do real.

segue cumprindo a função de denunciar o viés psicopatológico, ou seja, quando a virtualidade dessa forma de comunicação predomina e captura nossos sentidos em detrimento do encontro virtual no real. Encontro que instaura peculiaridades, que marca singularidades: o cheiro, o olhar, a temperatura, o contato, conjuntamente à tonalidade afetiva da palavra endereçada sem a intermediação das redes.

Freud como um homem de seu tempo, ápice dos intercâmbios por cartas, vai se utilizar desse meio de comunicação virtual como forma de (re)aproximação das pessoas que lhe são significativas⁸. Autoriza-se a correr o risco de suas correspondências não serem correspondidas. Nelas vai nos relatar suas vivências, tais como: as lembranças da adolescência, como, por exemplo, a fundação da Academia Espanhola, identificado com os personagens Cipião e Berganza – correspondência com Eduard Silberstein (1871-1881); as saudades e o enamoramento por Marta, sua noiva, quando dos seus afastamentos – correspondências de amor (1882-1886); e necessidades de compartilhar com Fliess – via o que pode ser considerado epístolas – suas ideias, afetos e todo o universo que vai permear sua autoanálise (1877-1904). A partir dessas correspondências, que podem ser consideradas como originárias, Freud segue suas trocas de cartas com vários interlocutores, transitando pelas questões pessoais e as pertinentes à psicanálise. Entre eles merecem destaque: Ferenczi, Abraham, Jung, Pfister, Lou Salomé, Marie Bonaparte e Arnold Zweig.

Cabe retomar, com destaque, o fato de Freud desenvolver sua autoanálise via intercâmbio de suas missivas. Isso fará Mahony (1992) dizer que Freud inaugura a cura pela escrita, assim como Ana O. o fez com a limpeza da chaminé, germe da cura pela palavra falada. Temos aí um sujeito indo além do seu tempo, quem sabe, um precursor do que estamos vivendo: análises sendo efetivadas via virtualidade que a Internet propicia. Suas cartas a Fliess⁹, em especial, as do período de 1897

8 Nesse sentido, Jones (1989) comenta em sua biografia de Freud: a chegada do correio era aguardada com grande ansiedade. Ele gostava, também de receber cartas, e o atraso das respostas de seus interlocutores lhe deixava impaciente, como, por exemplo, com Fliess (1887-1904) e mais tarde com Jung (1906-1914).

9 A correspondência entre esses homens, com sua publicação em 1950, vai ser um fato que terá desdobramentos significativos na história do movimento psicanalítico. Até essa data, o conhecido sobre as relações de Freud com seus parceiros de investigação sobre os enigmas da alma humana se restringia a relação com Breuer. Desde então, a vida privada de Freud vem à tona, com maior amplitude, evidenciando de maneira inaudita suas repercussões na criação da psicanálise. A força dessas revelações, contidas nessas mensagens, segue ocupando as sucessivas gerações de analistas.

a 1900, estão repletas da sua vivência transferencial – neurose de transferência em gestação: “*Preciso de um novo impulso vindo de você; passado algum tempo, ele se vai esgotando em mim*” (FREUD, 1897, p. 254, grifo nosso). Em 18/08/1897 segue: “*Você me prometeu, aliás, um congresso em terras italianas [...]. É pena que tenhamos tido tão pouco êxito em superar a distância entre nós. No momento não sei nada de você [...]*” (FREUD, op. cit., p. 263, grifo nosso). No próximo ano o amor de transferência prossegue, revelando sua intensidade e necessidade de elaboração: “*Estou imensamente feliz por você estar me oferecendo à dádiva do Outro, do crítico leitor [...]. [...] não me importo nem um pouco em escrever só para você*” (FREUD, 1898, p. 314, grifo nosso). Esse processo de “falso enlace”, com sua idealização, o acompanha durante o verão de 1899: “*Muito obrigado pela longa carta, que mal chego a merecer. É minha sina esperar e, resignadamente, desisti de meu hábito de reclamar da distância implantável. Espero [...] e que, como um novo Kepler, você desvende para nós as regras regidas do mecanismo biológico*” (FREUD, 1899, p. 356, grifo nosso). Como um apontamento do início da “resolução” da sua neurose de transferência temos as cartas de 11/03/1900 e de 23/03/1900. Na primeira, narra seus avanços em prol de sua autonomia – *encontrei uma saída* – na medida em que toma contato com seu inconsciente, via associação livre: “*Encontrei uma saída renunciando qualquer atividade consciente, de modo a tatear às cegas entre meus enigmas. Desde então, tenho trabalhado, talvez, com mais habilidade do que nunca, mas realmente não sei o que estou fazendo*” (FREUD, 1900, p. 405, grifo nosso). Na segunda, relata suas ambivalências quanto ao desejo de encontrar seu interlocutor e seu temor de ver-se ainda submetido ao fascínio da transferência – *razões internas*. Nesse processo de transformação, que, como sabemos, terá sua efetivação na conclusão do *Livro dos Sonhos*, Freud reconhece sua necessidade de afastar-se de Fliess, para dar sequência à sua reconstrução:

Na verdade, é mais provável que eu evite você – não por causa do meu desejo [...] Mas é que há outras razões internas [...] Estou profundamente empobrecido por dentro, tive que demolir todos os meus castelos de areia e só agora estou reunindo coragem suficiente para começar a reconstruí-los (FREUD, 1900, p. 406, grifo nosso).

Esses trechos são uma pequena amostra do processo analítico de Freud. Evidentemente de maneira unilateral, já que não temos acesso à correspondência de Fliess para Freud. Decorrente dessa descontinuidade uma pergunta persiste: Como será que esse “analista” dos tempos primevos respondeu a essas demandas? Cartas que carregam consigo o desejo de ser escutado, mais além do manifesto. Fato a que toda a comunicação também visa. Ressonâncias de um processo que vem para fortalecer a tese que proclama a relevância da escrita como elemento potencial para transformar as dores da alma. Cenário fecundo para estabelecer mudança psíquica, principalmente, pela presença de um interlocutor, mesmo que imaginário: *tive que demolir todos os meus castelos de areia*.

Quero crer que Freud pode ser uma boa referência sobre uso provida da comunicação virtual. Suas cartas são um convite ao diálogo e uma alternativa para suprir a impossibilidade do encontro. O processo da escrita fazendo abertura que permite descortinar outros saberes não conhecidos: *fico sempre curioso sobre o que vai surgir*. Mesmo que digamos que todo o escrito tem um interlocutor, mesmo que imaginário, as correspondências o têm de forma mais explícita e, portanto, comprometida diretamente com o outro. Entretanto, como nos diz Freud, como está posto na epígrafe: *escrevemos em primeiro lugar para nós mesmos, seguindo um impulso interior*, a saída desse claustro narcísico se dá, por exemplo, via emissão de uma carta ou publicação de um texto. Contudo, penso que não devemos desconsiderar o lugar de relevância, mesmo que em segundo plano, da ilusão de imortalidade e do reconhecimento do outro. Nesse sentido a obra freudiana é emblemática, com sua vocação de eterna permanência e de não cessar de acessar novos/velhos leitores.

Diante disso temos posto que a desobjetalização não está na ferramenta, antes na forma pela qual usamos os recursos que estão à nossa disposição. O homem como um ser desejanter, com sua potencialidade ética, pode e deve se implicar na responsabilidade pelo seu destino e pela ordem cultural.

Tempo de transformação do mundo virtual, das cartas do século passado para a virtualidade das correspondências do século XXI, a comunicação se globaliza, as fronteiras tornam-se mais tênues e a subjetividade com sua singularidade entra em declínio. Desafio que se impõe ao Ser contemporâneo: poder transitar pela virtualidade, sem se deixar perder no labirinto dos simulacros. Poder susten-

tar o ganho que temos em utilizar a facilidade de acesso ao outro como veículo que potencialize o desejo do encontro, com seus desencontros, permeado pela ficção do real, como suas inúmeras possibilidades de vir a ser.

Uma demarcação final, a título de referendar a proeminência do ficar curioso, com as manifestações do inconsciente – com sua fértil virtualidade – que todo o exercício da produção textual propicia:

*“Quando eu me sento para trabalhar
e pego a caneta, fico sempre curioso sobre o que vai surgir,
e isso me impulsiona para o trabalho.”*

(Freud a Braun apud Mahony, 1992, p. 81).

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1871-1881). **As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. (1897). Carta Freud a Fliess. In: MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. (1898). Carta Freud a Fliess. In: MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. (1899). Carta Freud a Fliess. In: MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. (1900). Carta Freud a Fliess. In: MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. (1905). Tratamento psíquico (ou anímico). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 7).

_____. (1915-1917). Luto e melancolia. In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução L. A. Hanns. São Paulo: Imago, 2006. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, 2).

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução L. A. Hanns. São Paulo: Imago, 2006. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, 2).

_____. (1923). O Eu o Id. In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução L. A. Hanns. São Paulo: Imago, 2007. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, 3).

JONES, E. **A vida e obra de Sigmund Freud**. Tradução Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MAHONY, P. **Freud como escritor**. Tradução Elizabeth Saporiti. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PAIM FILHO, I. A. Silêncio: uma escuta metapsicológica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 50-4, 2016.

PAIM FILHO, I. A. et al. Solidariedade-excitatória-sexual. In: PAIM FILHO, I. A. **Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte**. Porto Alegre: Movimento, 2014.

_____. Ela: história de uma travessia. **Revista do CEPdePA**, Porto Alegre, v. 22, 2015.

RODRIGUÉ, E. **Sigmund Freud o século da psicanálise: 1895-1995**. São Paulo: Escuta, 1995.